ANNO 3.º — Sexta-feira, 8 de Abril de 1910 — NUMERO 112

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brazil (anno) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR—ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua de Jesus.—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

Palavras de Herculano

Confundindo as idéas de liberdade e progresso com as de licença e desenfreamento, o direito com a oppressão, e a propriedade, filha sacrosancta do trabalho, com a espoliação e o roubo; tomando em summa, por systema de reforma a dissolução social, ha poucos annos que certos homens e certas escholas encheram de terror com as suas loucuras a classe média, a mais poderosa, a unica verdadeira e efficazmente poderosa, das que compõem as sociedades modernas. Este erro de muitas intelligencias, aliás eminentes e a quem, em parte, sobrava razão para taxar de viciosas ou de incompletas muitas instituições dos paises livres, abriu caminho e subministrou pretextos por toda a Europa a uma reacção deploravel. É um acontecimento grave, não tanto pela sua violencia e exaggeração e pelos seus caracteres materiaes, como porque a essas manifestações externas se associa a reacção moral. E' ahi que está o perigo para o futuro. A tyrannia, restabelecendo-se por quasi todo o continente europeu, esmagando o governo representativo sob os pés dos seus batalhões d'infanteria e dos seus esquadrões de cavallaria, passando triumphante no meio das multidões, assentada no velho e roto pavez do absolutismo, que se eleva sobre uma selva de bayonetas, é um espectaculo repugnante, mas util para o progresso humano, como o tem sido quasi todos os phenomenos historicos, ainda os mais contrarios na apparencia a esse progresso; é uma demonstração estrondosa, fecunda e, ao mesmo tempo, transitoria de que os exercitos permanentes, nascidos com o absolutismo e só para elle. com elle deviam ter passado para o mundo das tradições. Moral e economicamente, os crimes que a reacção está perpetrando e o sangue que tem vertido virão a ser bem moderado preço de resultado immenso, a anniquilação d'essa força bruta, encarregada nominalmente de cumprir um dever que é, que não póde deixar de ser commum a todos os cidadãos: a defesa da terra patria. Quanto mais a reacção abusar da victoria, mais depressa lhe chegará o dia do ultimo desengano, e os povos, amestrados por experiencia tremenda, cortarão, emfim, a ultima arteria que ainda faz bater o coração da tyrannia desesperada e moribunda.

Mas a reacção moral, que vai acompanhando a reacção material, deve merecer mais sérios cuidados aos amigos sinceros e prudentes da civilisação e da liberdade. Ao lado dos vivas da soldadesca embriagada, em volta dos quarteis e acampamentos, onde está hoje reconcentrada quasi toda a acção politica das sociedades, ouvem-se, tambem, os vivas de certa parte das populações. Estes applausos não partem de um grupo unico. Ha ahi o vulgo, que faz o que sempre fez; que saúda o vencedor, sem perguntar d'onde veiu, nem para onde vai; que vocifera injurias junto ao patibulo do que morre martyr por elle, ou victoria a tyrannia, quando passa cercada de pompas que o deslumbram. Ha ahi os velhos interesses mortalmente feridos, que, não podendo defender-se como legitimos, buscavam, até agora, santificar-se pela poesia do passado, indo esconder as rugas asquerosas na luz frouxa da obside da antiga cathedral, mas que hoje se proclamam em nome do direito com gritos de furor e de ameaça. Ha ahi a hypocrisia, que, depois de minar debaixo da terra durante annos, surge, enfim, á luz do sol e, balouçando o thuribulo, incensa todos os que abusam da força, declarando-os salvadores da religião como se a religião precisasse de ser salva ou coubesse no poder humano destruí-la. Tudo isso tumultua e brada; tudo isso tripudia á porta do pretorio e traduz o sussurrar das orgias que vão lá dentro em annuncios de paz e de prosperidade. O vulgacho espera de cima a realisação dos seus odios contra a classe média, a satisfação á sua inveja; os velhos interesses pensam numa indemnisação possivel; os hypocritas querem aproveitar o ensejo de grangear as multidões para o fanatismo e, com tal intuito, recorrerem a um meio, infallivel em todos os tempos, para se obter esse fim, o inculcarem-lhes de preferencia o que na superstição ha de affirmações mais incriveis.—Os milagres absurdos renascem, multiplicam-se em frente dos recrutamentos: o convento e a *casa professa*, já disputam ao quartel a geração nova. O cercilho e o bigode jogam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara. O praguejar soldadesco cruza-se com a antiphona do breviario. A agua benta aspergida do hyssope episcopal, vai diluir no chão o sangue coalhado dos espingardeamentos, e o sacerdote crê ter afogado o clamor daquelle sangue que se imbebe na terra, porque entoou hossanahs sacrilegos ao triumphar dos algozes, no momento em que as victimas caíam martyres da sua fé na civilisação e na liberdade.

Isto é grave porque é atroz; mas ainda ha ahi cousa mais grave. E' que entre os grupos que victoreiam em quasi toda a Europa as saturnaes da reacção ha um mais forte, mais activo, e, sobretudo, mais efficaz, porque se acha senhor, em muitas partes, do poder publico, e serve-se desse poder e dos soldados e magistrados e agentes publicos que lhe obedecem para annullar num dia as garantias conquistadas pelas nações em meio seculo de luctas terriveis. E' o grupo dos Cains; daquelles a quem, mais tarde ou mais cedo, Deus e os homens hão de, infallivelmente perguntar: —«Que fizeste de vossos irmãos?»—E' o grupo daquelles que deveram quanto são e quanto valem aos triumphos da liberdade; que, sem as lides dos comicios, dos parlamentos, da imprensa; sem o chamamento de todas as intelligencias á arena dos partidos; calcados por um funccionalismo despotico, por uma nobreza orgulhosa, por um clero opulento e corrompido, teriam fechado o horizonte das suas ambições em serem mordomos ou causidicos de algum degenerado e rachitico decendente de Baiard ou de Cid, ou em vestirem a opa de meninos de coro de algum pecunioso cabido. Estes taes que trocaram o aposento caiado pela sala esplendida, o nome peão de seus paes pelos titulos nobiliarios, o sapato tauxiado e o trajo modes todo vulgo pelos lemistes e setins cortesãos, cobertos de avelorios e lantejoulas, das condecorações com que o poder costuma marcar os seus rebanhos de consciencias vendidas; estes taes, recostados nos sophás, para onde se atiraram de cima do tamborete de couro ou da cadeira de pinho, sentem esvair-se-lhes a cabeça com os tumultos eleitoraes, com as luctas da imprensa, com as discussões tempestuosas—e não raro estéreis—das assembléas politicas. Demasiado repletos, perderam nos vapores dos banquetes a lucidez da intelligencia; demasiado mimosos, perderam. reclinados nos coxins das suas carruagens a energia laboriosa da classe de que sairam. As dolorosas e longas experiencias da liberdade afiguram-se-lhes, agora com um desvario do genero humano, e as tentativas das nações para se constituirem menos imperfeitamente como uma serie de erros deploraveis. Confessam o facto indisputavel do progresso nas sciencias, nas artes, na industria apesar de mil experiencias falhas, de mil theorias que surgem para morrerem, de mil esforços perdidos; isto é, confessam que existe o desenvolvimento social, embora limitado em tudo pela imperfeição terrena.

Não protestam, em these, contra as tendencias das sociedades. O que não admittem é que essa lei do desenvolvimento constante, applicavel a todas as cousas humanas, o seja á sciencia social. Nesta o progresso consiste em retroceder. A voz da consciencia, que nos fala da dignidade e liberdade do homem, é uma illusão do nosso espirito. Embora o christianismo gastasse cinco seculos em constituir as sociedades modernas: estas deviam ter completado e aperfeiçoado uma revolução fundamental no seu organismo dentro de cincoenta annos. Não o fizeram; logo o voltar ao passado, ao absolutismo cachetico e impotente, significaria o progresso politico. Incubou nelles o arrependimento. Sonham que o phantasma d'Attila surge entre o norte e oriente. Ajoelham; e tentam, renegando as idéas que propugnaram, salvar as suas carruagens, mitras, bastões, veneras, rendas e dignidades.

Este é o grupo dos grandes miseraveis. Ao pé delle, ás vezes confundido-se, compenetrando-se ambos, falando a mesma linguagem, está o da burguezia timida, cujos nervos são debeis de mais para resistirem aos frequentes abalos das commoções politicas. Esses teem desculpa, embora raciocinem mal, como sempre raciocina o temor. A sua vida de artifices, de proprietarios, de agricultores repugna ás violentas tempestades politicas, aos movimentos populares desordenados. A transformação social lenta e pacifica, resultado de doutrinas que chegam a triumphar pelo meio da longa discussão, admittem-na, amam-na, e com razão. Mas a idéa dos terremotos politicos horrorisa-os tanto como a dos physicos, e nisso tambem teem razão. Sobre os meios de evitar taes males é que se teem illudido. O medo é o peor dos conselheiros. Na verdade, foi contra esta classe que os agitadores das multidões ignorantes as concitaram, declarando guerra, não só aos abusos da propriedade na mais ampla significação desta palavra, mas tambem á propriedade indubitavelmente legitima.

Alexandre Herculano.

Que vão para a monarchia quantos republicanos queiram ir. **Mas que vão como malandros e não como homens honestos.**

Os honestos vem da monarchia para a republica, perder, arriscar, e não ganhar. Os **malandros** fazem o contrario: deixam de perder e arriscar **para ganhar**.

(Do *Povo de Aveiro*, antes da sua apostasia.)

Coisas & tal

Tudo pôdre

Conbe agora a vez á repartição dos correios, cujo pessoal a *Beira Mar* accusa de praticar irregularidades e abusos graves, pedindo uma rigorosa syndicancia para se apurarem até que ponto são verdadeiras as queixas de que se faz echo.

Quer dizer, a *Beira Mar* considéra tudo pôdre em Aveiro, principalmente nas repartições onde diz existirem empregados republicanos.

Já pediu uma syndicancia á Fazenda, outra ás Obras Publicas, outra ao professor de Verdemilho que quer arrastar os rapazes á revolução e agora esta aos correios e telegraphos, onde, *sem consideração alguma pelas opiniões de aquelles que, em virtude das suas necessidades teem d'ir ao correio, alguns empregados fazem verdadeiras conferencias republicanas, atacando o rei, as instituições e todos aquelles que as acompanham e defendem, etc.*

Mas que mal fariam os republicanos á *Beira Mar*, não nos dirão? Ah! que se alguem se lembrasse de syndicar tambem da moralidade do *Mijareta*...

Deus os fez...

Escreve-nos em postal *um aveirense* mostrando a sua admiração por ter ido prestar serviços ao *Capirote* certo cavalheiro ahi muito conhecido e que ainda ha pouco era um dos primeiros a censural-o pelas suas arremettidas contra os republicanos.

Faz mal o *aveirense* se com isso se incommoda. Tanto mais que devia logo vêr que, para lidar com o animal, só um moço ou cabo de forcados, com tirocinio no *redondel*, estava nas condições...

De resto, não se affija que não ha perigo...

Bispo de Beja

Diz a gazêta do padre Mattos, collega, emquanto a moralidade, do *Mijareta* e do *Capirote*, que ao rev.º D. Sebastião de Vasconcellos foi feita, no Collegio de Campolide, uma manifestação de apreço e enthusiasmo em que tomaram parte pares do reino, militares e homens de todas as classes, lá educados, pelo que conclue que a honra do prelado ficou mais lavada do que nunca.

Pode ser. O que, porém, continuamos a duvidar, e comnosco toda a gente, é que tenha as prégas todas...

Herculano

Lemos no ultimo numero da *Tribuna*, do Porto:

«Em surdina, rumorejam varios elementos enraizadamente clericaes contra o grande historiador e a sua obra litteraria.

A santissima *Palavra* cá da terra bacorejou demasiadamente contra o Atheneu e contra os iniciadores da homenagem a Herculano.

Mas o mais curioso do caso é que até um crustaceo—o celebirrimo pu... eta *Camarão*—agarrado ás abas da casaca do sr. conde, tambem solta, a occultas, o seu rumor, contra Herculano!

Este *Camarão* imbecil é um perfeitissimo *snob*.

Apesar de tudo, as homenagens ao grande auctor do *Eurico*, proseguirão...

Quem havia de dizer, aqui ha meia duzia d'annos, que o rapaz, no Porto, viria a ser um litterato de trus?!

E contudo é o que se vê: até faz criticas á obra de Herculano quando em Aveiro nem a ferrador chegou.

Influencia da tripa...

O principio... do fim

Começaram em Lisboa os julgamentos dos implicados no caso dos balandraus e das associações secretas, que o juiz Antonio Emilio tem perseguido na persuasão de que coisas tetricas viriam a ser descobertas. Nada d'isso, porém, aconteceu e já agora não será o tribunal que as ha-de descubrir.

Para o quê, se verá.

Pécha antiga

Na ancia de tudo deturpar, com o intuito que se sabe, o *Campeão* sahiu-se agora a dizer que a syndicancia ao lyceu não foi pedida pelo conselho escolar do mesmo, mas sim ordenada superiormente por causa da sua campanha e do collega general equiparado contra os *bernardos incompetentes* que teem sido o terror da rapaziada e o cabrion do illustre official.

Claro está que é mentira. Quem pediu a syndicancia foi o professorado, como consta d'uma acta, dizendo-se até que o governo a não queria ordenar por estar farto de saber os motivos que levaram os auctores do *barulho* ao arrazoado que se tem visto.

O mestre Elias foi o diabo que appareceu ao *Campeão*. E, decididamente, não se vê livre d'elle porque, homem forte, como é, ainda está para lavar e durar...

Entendam-os

O *pasquim* reaccionario de Lisboa, que tem por memtor o pae do orphão Albino, entre as baboseiras que tem publicado ácerca de Herculano, dizia ha dias:

«Nós não nos associámos á celebração festiva do centenario de Alexandre Herculano.

Foi escriptor de renome, poeta de merecimento, romancista, historiador? Foi. Mas não foi catholico de boa lei. Não podemos entoar hymnos de louvor, a quem negou dogmas, ridicularisou concilios, e até chegou a negar a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, passando-o incorreptamente á cathegoria de simples phylosopho. Não podemos associar-nos a essa celebração. Não podemos nem devemos».

Contudo o padre Mattos foi um dos que inaugurou com uma missa, no dia 28 do mez passado, as festas do centenario.

Vejam bem se a coherencia de elle corre ou não parelhas com a coherencia do *Capirote*...

Pois se até na tromba se parecem...

ACCÃO REPUBLICANA

Grupo da Mocidade Democratica de Aveiro

Grande alma a d'este glorioso partido que tão bem encarna as mais altas aspirações da Patria, a defeza do Povo e da Humanidade!

Quanto mais o perseguem, quanto mais tentam reduzil-o, levando ás suas fileiras o terror ou o desalento, com golpes de sabre, com prisões, com infamias, com tyrannias, mais elle se levanta e encoraja e lucta de olhos fitos, alma absorta no seu ideal.

E' preciso haver dentro dos nossos homens uma grande força intima e profunda, uma fé inabalavel, uma paixão ardente, uma superior aspiração de liberdade, de justiça, de bem, para que caminhem com tanto denodo.

Isto não se desfaz com 31 de janeiro, nem com 1.º de dezembro, nem com 5 de abril, nem com as prisões do *Hoche*, ou com as denuncias dos bufos reles, sejam elles miseraveis de cruzado ao dia, sejam elles jornalistas renegados, afogando-se em ondas de desespero, de inveja, de despeito e da propria bilis pestilenta.

Isto avança e avançará sempre, passando todos os obstaculos, atra-

vessando todos os perigos até á victoria.

E cada vez mais alento temos para gritarmos com toda a alma— Viva a Republica!

*

Ha tempo que alguns jovens republicanos de Aveiro pensavam em constituir um grupo de propaganda, com o fim de auxiliarem as commissões do partido, sempre que realise qualquer acto de acção republicana e de promoverem tambem a propaganda das nossas ideias por meio de conferencias e publicações entre o povo de Aveiro e arredores.

Nos ultimos dias da semana passada se reuniram esses elementos de tão boa vontade e tanta esperança, n'uma das salas do Centro Republicano da cidade e ahi resolveram a sua definitiva organisação em um *Grupo de Propaganda da Mocidade Democratica de Aveiro.*

O grupo que provisoriamente terá numero limitado de socios, conta com o auxilio e cooperação de todos os seus correligionarios de Aveiro em favor da causa a que dedica o seu esforço e o seu trabalho.

Resolveu convidar para abrir a sua propaganda um dos nossos maiores oradores e commemorar em seguida o centenario de Alexandre Herculano, embora modestamente, mas de modo a não passar esquecido n'um meio que em tempos teve nome de liberal.

O grupo participou ao Directorio e ás commissões locaes a sua organisação e resolveu tornar publico que prestará a sua humilde coadjuvação a tudo o que em favor da instrucção, da educação e do bem do povo se leve a effeito n'esta cidade, não contendendo com os seus principios.

As suas reuniões serão quinzenaes.

No proximo numero publicaremos o seu programma, o que hoje não fazemos por falta de espaço.

E saudando calorosamente os jovens republicanos que assim veem trazer ao nosso partido, á Patria e ao Povo, a sua actividade e o calor da sua fé e da sua mocidade o *Democrata* deseja-lhes todas as prosperidades de que são merecedores.

Guerra ao bandido e seus acolytos

Não é sem repulsa que vamos entrar na liça para auxiliarmos o trabalho, vigoroso e destemido a valer, do bravo director d'este semanario.

A tauromachia para nós foi sempre um pessimo elemento educativo, apesar dos seus numerosos apaixonados o contestarem, e se ainda vemos sem grande aborrecimento um *pässe* de Fuentes ou um *quiebro* de Mazantini, desagradanos profundamente descer á arena e termos de estocar um bicho manhoso como o *Capirote* do *Pulha d'Aveiro* e as chocas que o ladeiam. Mas tem de ser.

O director d'este jornal que, sem alardes, deu prova d'uma valentia ousada, saltando para a cabeça do miseravel sevandija que está deshonrando a terra que o consente sem um protesto decidido, deve ser ajudado na *faina* por quem vivendo n'um meio onde as *chocas* abundam, melhor o póde informar sobre as prendas de taes animalejos.

O gatuno da herança do fallecido Xavier da Silva, precisa ser amarrado bem curto, mas como não vive na terra onde isso não seria mais difficil do que beber um copo de agua, limpida e fresca, vamos businando com verdades amargas os duros ouvidos de quem se resfastela na leitura infamemente falsa do rival de Palma Cavallão.

E' preciso; é justo que lhe amarremos ás patas os mariolas que o incitam e ajudam. E é o que nos propomos fazer.

Temos a certeza de que alguma coisa de bom conseguiremos porque a nossa campanha não se limitará a vergastar, no *Democrata*, a face estanhadissima de todos o *hemens christos*. Iremos mais longe. Organisaremos uma especie de policia civica que indagará quem são os mais fervorosos cultores da prosa acanalhada do bandido-mór d'Aveiro. Depois de catalogarmos a bicharada toda, desenvolver-se-ha uma activa propaganda contra ella, não lhe dando treguas de nenhuma ordem. Se é commerciante, o remedio então é facilimo de applicar e os seus resultados serão magnificos. Os que forem padres ou conselheiros, o remedio será o porrête, sempre que seja possivel sem perigo para a integridade da nossa policia, que é composta apenas de um reduzido numero de membros, e assim poremos a todos a calva á mostra porque não póde ser homem de bem quem applaude infamias do calibre das que o famigerado *Porco d'Aveiro* bacoreja.

Pelo facto de dizermos que o porrete será applicado sempre que não corra perigo a integridade da nossa policia-civica não se infira que é por mêdo, porque, graças a Deus, é coisa que nunca por cá houve, nem mesmo nas horas mais criticas; é simplesmente para poupar uma aggremiação digna e que está destinada a altos fins, e que, tendo, como convém, poucos membros dirigentes, não deve prejudicar-se com um acto de simples arrebatamento. Trabalho calmo e persistente é o que se quer.

Esta ideia foi-nos sugerida ha mais de dois mezes, mas um facto que presenciámos ha dias na rua do Oouro decidiunos a trabalhar desde já pela sua realisação.

Foi o caso que ao passarmos na rua citada vimos á esquina da rua dos Retrozeiros um individuo chamando a outro tudo o que um bandalho merece que lhe chamem. E só soubemos a razão quando esse individuo dizia muito indignado para o outro:—*Ora até que um capirote da força do Homem Christo encontra outro capirote que o defenda e se babe de goso com a sua obra infame. Decerto, pulha, és tão gatuno e devasso como elle!*

E o indignado cidadão propunha-se a dar um violento correctivo no apreciador do *Tartarin* quando um amigo e alguns individuos, entre os quaes eu, o impediram de tal.

Tratámos de indagar por um industrial nosso conhecido, que se encontrava no local da questão, os motivos da contenda e eis o que apurámos:

A' esquina da rua dos Retrozeiros estavam conversando dois individuos de boa apparencia quando parou junto d'elles um tal Ribeiro, correeiro, que desdobrou a todo o panno o *Pulha d'Aveiro*. Um d'elles, que o conhecia, perguntou-lhe se tambem tinha coragem para lêr *aquillo.*—*Ora essa!* respondeu o Ribeiro, *podia lá deixar de lêr um jornal republicano tão sério?! Sou assignante desde o numero um...* E como o individuo, seu conhecido, lhe dissesse que por tal systema tambem o *Portugal* poderia intitular-se anarchista, o homensinho retorquiu com ares de moralista grotesco e pedante:—*Olhe, meu caro, conheço o França Borges desde creança e tambem...* Ainda não tinha concluido o grunhido quando o que até ali se conteve callado lhe replicou nas bochechas:—*Quem, como o ladrão do dinheiro e da honra do fallecido dr. Xavier da Silva, põe no jornal um titulo que não corresponde á verdade é um pulha, e você defendendo-o, ainda é mais pulha do que elle.*

O França Borges póde você, seu malandro, conhecel-o desde creança, mas o que lhe garanto é que o não conhece nem como gatuno, nem como capirote, nem como mau chefe de familia. E' um homem de bem, ouviste, canalha?!

Ficamos edificados e logo pozemos em campo quem nos podesse indicar o nome completo do tal Ribeiro, para que aquelles que tambem o conheçam desde pequeno nos possam fornecer a sua chronica. Porque, a verda é esta: quem faz a propaganda do *Pulha de Aveiro*, calumniador-mór d'estes reinos, onde se estampam as mais putridas obscenidades e as maiores torpezas, não póde ser pessoa de bem.

Se tem familia, com a leitura de taes dejecções, perverte-a com toda a certeza.

Ora, n'estas condições, toda a guerra que se faça a semelhante malta é justificadissima, porque nada mais digno de elogio e premio do que a extincção d'esta quadrilha de salteadores da honra alheia.

Por nós, aqui o juramos, estamos decididos a ser energicos e decididos a não dar treguas a nenhum perverso instigador do mais phenomenal canalha que o sol cobre. Havemos prejudicar esses canibaes, o mais possivel, em todos os seus interesses.

Quanto ao borrador dos escarros da gente limpa não faltarão occasiões de um retumbante encontro.

Lisboa, março de 1910.

Mosqueteiro.

Bombeiros Voluntarios

Ao grande numero de prendas que nos ultimos dias teem sido recebidas para a *kermesse* promovida por esta antiga e benemerita associação de soccorros e que deve realisar-se, como temos dito, nos proximos mezes de maio e junho, no *Passeio Publico*, ha a juntar tambem muitos e importantes donativos enviados ao thesoureiro da prestante collectividade, o que sobre modo mostra a sympathia e o interesse dos aveirenses pela companhia que ha 28 annos lhes vem prestando os mais assignalados serviços.

O primeiro festival consta-nos que terá logar no dia 1.º de maio, assistindo uma banda de musica que se propõe executar escolhidos e primorosos trechos expressamente ensaiados para esse fim.

OFFEMBACH PURO

Ha dias o proprietario da *Padaria Bijou* d'esta cidade, sr. José da Silva Mattos, encommendou a um seu amigo em Lisboa a compra d'um filtro para uso industrial da sua casa.

Qual não foi o seu espanto quando, ao receber a encommenda postal do correio, se lhe deparou, não um filtro prompto a ser utilisado. mas um agglomerado de pequenas peças desorganisadas e sem prestimo para o fim a que visava, uma verdadeira sucata emfim.

Fôra o estupendo caso que o correio, farejando hydra, desconfiou do formato do volume, desconfiança que mais se accentuou ao lobrigar dentro do cylindro, ou cylindros, carvão em pó que tomou por polvora.

D'ahi o mandar immediatamente, segundo parece, o volume á analyse dos peritos que, reconhecendo o infundado da suspeita, o devolveram ao Correio, o qual por sua vez não teve escrupulos em entregar ao destinatario a encommenda completamente inutilisada.

Não sabemos o que fará o interessado. Nós, no seu caso, reclamavamos a importancia do custo do filtro, pois não é licito que o publico sofra as consequencias da ignorancia alliada ao terror que vae pelas regiões officiaes.

Como tudo isto é pifio e réles!

Só com musica, e d'Offembach, é que o caso merece ser descripto.

AS MEMORIAS DE JOÃO FRANCO

O grande erro de João Franco como o de quasi todos os nossos estadistas foi o de não ter comprehendido o espirito do seu seculo. Em todo o mundo se opera um movimento de transformações sociaes a que não são incensiveis os paizes que, como a Turquia, se teem conservado mais refractarios ao progresso e á civilisação. E só conseguem viver as monarchias que se integram n'essa corrente de liberdade que irradiou da revolução franceza com a declaração dos direitos do homem, e que essa democratica republica tem sabido manter, para honra e prestigio dos estadistas que a governam.

Ainda ha pouco a Inglaterra annunciava á Europa petrificada um sem numero de reformas sociaes baseadas nas reinvindicações operarias das quaes a mais importante era o orçamento de Lloyd Georges e já a Allemanha imperialista declara conceder a autonomia á Alsacia Lorena, dando-lhe um parlamento baseado no suffragio universal e na representação proporcional.

Na Russia os socialistas combatem incessantemente por uma nova lei eleitoral e das suas constantes victorias se parece deprehender que serão attendidas as suas reclamações.

Em Portugal a monarchia pratica a cada passo os mais revoltantes attentados contra a liberdade do cidadão. O juiz de instrucção criminal manda prender sem culpa formada e conserva incommunicaveis por tempo indeterminado os que lhe parecem suspeitos de hostis ao regimen, e não raras vezes se serve dos antigos processos inquisitoriaes para arrancar das suas victimas confissões que possam dar logar a novas e injustificaveis violencias. Ainda ha dias era invadida pela policia a Camara Municipal de Lisboa.

Contra esse abuso de poder impraticavel n'um paiz com algum decôro politico, protestou o proprio Municipio do Porto constituido na sua maioria por monarchicos affeitos á nova situação.

Pois aos ataques dirigidos ao governo pelos pares e deputados da nação, respondeu o sr. Dias Costa com a *lei*, a lei que elle não citou porque não existe, como o teem demonstrado todos os jornalistas que ao caso se tem referido. Muitas vezes os jornaes monarchicos tem propalado que em Portugal existe a mais absoluta liberdade de consciencia. Dezenas de factos demonstram o absurdo d'esta affirmação gratuita, com que se pretende desvirtuar a campanha anti-clerical levada a effeito pelo partido republicano. Um só bastará para que se possa avaliar do espirito de intolerancia que preside a todos os actos da cohorte reaccionaria que inferma a sociedade portugueza. O sr. Manoel Mendes da Silva, accusado de conservar o chapeu na cabeça, estando d'entro do seu estabelecimento, á passagem de uma procissão, foi julgado em Villa Franca de Xira e condemnado a noventa dias de cadeia e outros noventa de multa a mil e quinhentos réis por dia.

A vida da monarchia portugueza é um constante sophisma; o sophisma cobarde e traiçoeiro com que sempre se pretende encobrir aquillo que nos não convem. A nossa administração é um sophisma, como um sophisma é a nossa autonomia.

De ha muito que a Inglaterra nos governa ás escancaras e sem o menor protesto. Temos-lhe dado tudo. Ainda ha pouco lhe demos Lourenço Marques e já o seu subdito Hinton reclama de nós trez mil e trezentos contos a titulo de indemnisação.

A Hespanha ameaça-nos com um passeio até Lisboa, e o resto da Europa risse de nós com desprezo.

Pois bem.

E' n'este periodo de intensa lucta entre a nação e o regimen que João Franco vem relembrar todo um passado de opprobio e de vergonha publicando a sua autobiographia. As auto-biographias são acceites quando partem de um Briand ou de um Lloyd George. Fazem desencadear paixões, excitam odios e levantam um movimento de solemnissimo protesto quando dizem respeito a um Maura ou a um João Franco. As suas memorias com que decerto elle pretende justificar o seu passado serão a reedição do que elle disse e escreveu quando da sua propaganda pela provincia. Os mesmos queixumes, o mesmo arrependimento e a impossibilidade de ter feito melhor, attenta a absoluta desmoralisação dos serventuarios do regimen.

Nada conseguirá. A tyrannia não tem justificação alguma. Nunca a teve. Os despotas, os tyrannos, expiaram sempre os seus crimes n'uma masmorra ou na guilhotina na praça publica perante o riso escarninho das multidões. Elle não deixará de nos dizer que é o auctor da lei de treze de Fevereiro e da lei de imprensa de 1907.

Que expulsou do parlamento os deputados republicanos e dissidentes. Que augmentou a lista civil, tirando aos pequenos e presenteando os grandes, e finalmente que assignou o decreto de 31 de janeiro em que mandava para Timôr centenas de chefes de familia, cujo unico crime era o de não se quererem associar aos revoltantes actos de despotismo que iam levando o paiz á mais sangrenta guerra civil e que tiveram como epilogo o assassinato do rei e de seu filho. Se lêr esse repugnante livro, e talvez o faça para saber se falharam as minhas previsões, succeder-me-ha por certo, o mesmo que com os *Contos do Natal* de Carlos Dikens.

Era ainda creança e pedi-o emprestado. Li-o á noite no quarto. Depois de passar a vista pelas primeiras paginas as scenas tetricas n'ellas descriptas e o profundo silencio da minha habitação causaram-me um movimento de instinctivo terror. Não apaguei a luz, sem vêr se debaixo da cama estaria algum ladrão.

Ruy da C. e Costa.

«O Povo d'Oeiros»

Augmentou de formato, apresentando-se agora com magnifico aspecto, este estrenuo defensor dos interesses do concelho de Oiras, que tem a dirigil-o o sr. Lourenço Correia Gomes.

Os nossos parabens.

TRISTE PAPEL

Com a mesma serenidade que ha tempos nos assistiu quando a *Beira Mar*, pelo punho do seu director, attribuia á propaganda demolidora da democracia, um triste incidente havido entre militares e paisanos por occasião do entrudo, na mesma disposição de espirito nos encontramos agora, que vamos, raptar, cheios de verdade e de razão, uma nova caterva de calumnias assacadas contra empregados d'uma repartição, que até agora tem satisfeito completamente o publico, honrando o seu serviço.

E vimos á estacada não só por sabermos que cumprimos um dever defendendo os attingidos, mas ainda porque todos esses males que se lhe attribuem, com tão pouco criterio e com nenhuma verdade, são nascidos da supposição de que esses empregados são democratas e d'ahi toda a causa e origem do mal.

D'esta vez, porem, o famigerado redactor e director da *Beira Mar*, como os criminosos que antes de descoberto o seu crime sentem a necessidade de referil-o em todas as suas minudencias, vem d'espaço a espaço, intercallando na narrativa infamissima de factos, que a sua propria natureza se encarrega de desmentir: *que não é porque os empregados tenham ou não ideias democraticas, que vem fazer taes denuncias.*

Está porém no seu papel de apostata e não se pode exigir que este altére o phenomeno observado de que todos d'aquella especie são sempre os mais encarniçados inimigos dos seus principios renegados, não vacillando no emprego de qualquer arma de perseguição contra os que perfilharam o credo esquecido!

Temos ainda de lembrar, que o correio é agora alvejado, depois de o ter sido a repartição das obras da barra, quando o director da *Beira Mar*, moveu uma campanha, não menos odiosa que a actual, contra um empregado d'aquella repartição, seguido-se-lhe as obras publicas á qual attribuiu uma infinidade de faltas gravissimas sendo agora sobre a repartição do correio que cahem as coleras inflamadas d'esta triste creatura, tão aleijada de corpo e alma, trasbordando odios e colera, contra quem só commette o erro, para elle imperdoavel, de nutrir ideias democraticas e nada mais.

E dizemos nada mais—porque nunca vimos esses individuos a manifestarem por o voto, pela imprensa, pela reunião, mas sim discutir, com o direito que assiste ao mais humilde cidadão, os acontecimentos que pela sua importancia despertam a curiosidade publica.

E' absolutamente falso, repetimos, absolutamente falso que na repartição se discuta politica ou como na phrase bombastica do director da *Beira Mar—ali se façam verdadeiras conferencias republicacas, atacando as instituições e todos aquelles que as acompanham e defendem!*

E' inaudito!

E' extraordinario, o desplante com que isto se escreve e se diz.

E' certo, que Jayme Silva, lá vem com o seu habitual cynismo declarando, depois de enumerar— violações de cartas, roubos de correspondencia, desapparição de valores (!!!) *que com elle, não se deu, que saiba, caso algum d'esta natureza.*

Isto é simplesmente espantoso!

Só a furia da denuncia, o odio implacavel a uma ideia póde suggerir tão diabolicas accusações, que não calam no espirito publico, mas sim o revolta e enoja!

Pois então póde admitiir-se que n'uma repartição onde servem mais de 20 homens, nunca estando um só em serviço, fiscalisado esse serviço pelos chefes, se possam praticar actos d'esta natureza e que não chegue ao conhecimento dos seus superiores uma queixa, uma referência, uma reclamação, na presença de tanto roubo, da tanta falta? Então uma cidade inteira soffre estes prejuizos, é victima d'estes attentados e ninguem se queixa?

Póde admittir-se que estejam macomunados todos esses vinte ou mais homens, para empregarem sellos viciados nas correspondencias? Então não é do dominio e conhecimento publico, que as correspondencias que pela sua natureza são estampilhadas e entregues dentro da repartição não são as estampilhas inutilisadas, onde ellas são entregues, mas sim na outra repartição para onde seguem afim de serem expedidas e onde todos os dias entram dois e trez empregados por sua escala?

Repetimos: a grandeza da propria infamia, destroe-a e ella regressa intacta á cabeça que a urdiu o á mão que repugnantemente a escreveu!

E' baixo, é asqueroso que se diga e que se escreva isto que cae ao mais leve raciocinio.

Que um ignorante mau o diga, admitte-se, pois é claro que para se guerrear um individuo ou um empregado ha-de attribuir-se-lhe as faltas e erros provaveis na esphera da sua acção e das suas funcções, mas que um homem que pessue os mais rudimentares principios d'educação e illustração o escreva, não encontramos termos que o classifique.

E com um cynismo que enoja, pergunta-nos ainda o redactor da *Beira Mar—será verdade, será infamia?*

Jayme Silva, escute-nos:—o que escreveu não é infame, é infamissimo! E' profundamente asqueroso, e ainda bem, podemol-o affirmar, toda a opinião medianamente sensata, leu com nojo, esse vomito negro da calumnia lançado com a indifferença mais condemnavel sobre a reputação de duas duzias de homens—todos dignos, honrados chefes de familia, trabalhadores que contam alguns mais de 30 annos de serviço, mourejando e luctando pela vida—entregues ao serviço mais violento e ingrato de todas as repartições, sem um feriado, sem um descanço, produzindo em cada 24 horas, 19 de serviço.

Todos elles vivem modestamente, honradamente, sem que se lhe possa attribuir na sua vida um acto digno de censura.

Mas... depois da enumeração de tantas faltas graves, que a *Beira Mar* regista com aquelle ar de santa ingenuidade declarando não ser ainda aquellas que a encommodam, refere-se como cousa corrente á divulgação de telegrammas...

Ora o director da *Beira Mar* sabe bem como se divulgam telegrammas na repartição do telegrapho—e sabe, porque ha-de lembrar-se como se passaram os factos quando por occasião do motim popular, cuja causa não discutimos agora nem os seus instigadores, conhecido pela *revolta do nabo*—se quiz saber do auctor d'uns telegrammas expedidos para

um jornal do Porto e que a auctoridade superior do districto quiz vêr na pessoa que os expedia um cabeça de motim.

Junto da repartição do telegrapho desde a pergunta particularmente feita, até á intimação officialmente formulada tudo se empregou para que indicassem quem era o expedidor d'esses telegrammas. Mas... baldadas intimativas!

Isto foi do dominio publico e muito a proposito vem referir aqui e agora, para provar-se simplesmente isto: quando n'estas circumstancias os empregados cumprem simplesmente o seu dever, como se póde admittir que se diga que elles, espontanea e voluntariamente divulguem a toda a hora o que a lei lhes prohibe expressamente com a ameaça da perda do seu logar seguida de dois annos de prisão cellular?

Pois isto é crivel?

Ha-de deixar-se correr mundo, de animo leve, uma calumnia d'esta ordem?

Evidentemente, não. Ou teriamos de acceitar o principio de que todos esses empregados, a quem prestamos homenagem ao seu criterio, seriam, sem excepção, idiotas ou estupidos manifestos!

Mas quando o redactor da *Beira Mar*, dominou a situação politica local, quando elle foi o supremo dirigente dos destinos d'esta terra, senhor do baraço e cutello, momento opportuno para retribuir serviços e angariar proselytos, quantos empregados lá foram divulgar os telegrammas contendo as machinações dos adversarios, se os houve?

O sr. governador civil actual póde tambem dizer quantas divulgações tem ouvido?

Mas, admittindo que quem poderia retribuir serviços d'esses, que uma allucinação de qualquer empregado poderia occasionar, nunca o recebeu, á quem é então que se divulgam os telegrammas?

Mas porque não apparece um individuo a declarar que recolheu uma d'essas divulgações, indicando o nome do empregado que a fez? Fique sabendo o redactor e director da *Beira Mar* que não são os empregados que divulgam os telegrammas; quem os divulga, são aquelles que os escrevem para a auctoridade os assignar, lidos na presença dos que estão, e que cá fóra os referem sem responsabilidades, que os copiam, os que os trazem, lendo-os e deixando-os ler, são emfim todos aquelles por onde elles passam sem o mais pequeno resguardo, sem a mais leve precaução!

O conspicuo redactor da *Beira Mar*, que ainda ha pouco recommendou ao seu collega do *Campeão* a placidez precisa e o estudo indispensavel dos assumptos para que elles por si não cahissem, ao mais leve e simples raciocinio, não guardou para si tão proveitosa recommendação e ás horas que todos descançam, depois dos applausos da cotterie, á hora tradiccional do chá da meia noite, Jayme Silva, n'uma ancia de réprobo, n'uma allucinação de maldade, urdia a teia infame da calumnia, onde embrulhava com a inconsciencia d'um epiletico uma duzia de funccionarios, declarando comtudo *que d'elles nunca soffrera ou recebera mal algum!*

Unico!

* * *

Ao redactor da *Beira Mar*—que apenas se anima no sentimento ruim de delator dos que não professam o seu ideal e os seus sentimentos, falta-lhe até para isso a auctoridade, que diriva dos que pelo exemplo vivo dos seus actos e procedimento correcto da sua vida, se impõem ao conceito e ao apreço publico.

Triste papel, tristissima missão!

SE AINDA HA QUEM SE DELICIE COM A SUA PROSA, *(do Christo)* FICA MAIS ENSARRABULHADO DO QUE ELLE.

(Da *Vitalidade*, **orgão do partido franquista em Aveiro)**

Excursionistas

A nossa terra tem sido ultimamente visitada por grande numero de *touristes* entre os quaes alguns de paizes estranhos, que d'ella teem tirado grande copia de photographias.

Pena é que Aveiro offereça tão poucas vantagens de commodidade, não conseguindo crear, sequer ao menos, um hotel de que se possa dizer: *benzate Deus...*

Pois devia fazel-o.

A COMMISSÃO

O diabo lembrou-se, ha poucos dias,
De tambem se metter a taralhão;
Pegou d'uma marreta e d'um podão
E deu começo ás suas phantasias.

Cortou d'um sabagueiro umas tres guias,
E d'um coiro atanado um pedação,
E fez uma tripeça, *o cadelão,*
Ligando-a com milhões de antipathias.

E volvendo, a tal obra, um olhar de inveja,
Exclamou: «o Trastilho, *o* Rocha, *o* Beja
Formam bôa tripéça, *em* commissão.

Eis uma trempe *audaz, que eu já perfilho,*
P'ra dar ajuda e nome e cuspo e brilho
Ao Porco d'Arrochella, *ex-capitão».*

Caustico.

CARTA DE INGLATERRA

Desabafos do oxilio

Após trez mezes e meio de permanencia no nosso Portugal, imagem pallida e desgrenhada da nobre patria de Gama e de Albuquerque, regressei ha vinte dias á Grã-Bretanha, não já açoutado pelo vento de curiosidade que em setembro passado me acompanhava, pondo-me em contacto directo, pela vez primeira, com esta raça forte, altiva e dominadora.

N'essa hora, não distante, eu trazia o fito de colher de visu impressões, aliás já recebidas no cultivo da historia contemporanea, que me habilitassem devidamente a confrontar, por exemplo, a actividade patriotica, honesta e intelligente dos Asquiths, Jolms Burus, Lloyds Georges, etc., etc., e a incapacidade alliada ao espirito mesquinho de retrocesso fradesco, auctoritario e no fuudo imbecil, que caracterisa os anonymos *pseudo estadistas*, que ornamentam a delapidadôra, a criminosa monarchia portugueza!

E em busca d'essas impressões e outras similares, procurava distrahir o meu espirito cançado de luctas atrozes, politicas e pessoaes, que m'o fatigaram em demazia. Essa curiosidade e essa distracção, sendo em dois mezes plenamente satisfeitas empurraram-me para a Patria, envergonhado do triste e miserando espectaculo, que á civilisação ella patenteava, e ao mesmo tempo com a fé bem quente, dentro da minha alma rebelde, de que não mais transporia as suas fronteiras, nem sahiria das suas aguas, sem que, ao pisar o solo estranho, eu me sentisse orgulhoso da minha terra, cioso das qualidades bravas do povo de que faço parte, e d'esse orgulho tivessemos todos patenteado ao mundo *exemplo frisante e de estrondo.*

Mas... fatal destino o meu, e irremediavel,—quem sabe?—a enfermidade gravissima que acometteu uma nação, outr'ora berço de heroes e de martyres da Liberdade, tres mezes e meio, em cima de tantos annos de estertôr, não bastaram para anniquilar, de todo, um regimen de latrocinios e de infamias!

Negocios intimos, inaddiaveis, trouxeram-me a um exilio de alguns mezes, e eu entro de novo em Inglaterra com a dôr cruciante, que as saudades do sôlo natal me geram no fundo do peito, e ao mesmo tempo com o odio Sagrado, indómito e ardente ao obstaculo, *qualquer que seja*, que, sufocando o grito justiceiro d'nm povo escravisado, o manieta, envergonha e deprime.

Ennojado, meus amigos, com a covardia que inconscientemente vimos ostentando, deixando criar alentos a uma minoria tão debil, como criminosa, sahi a nossa barra no passado dia 5—para que nega-lo?—quasi descrente da salvação, que para a nossa querida patria fervorosamente ambiciono a todo o instante!

Contudo eu não desérto; nas columnas do *Democrata*, embora roubando-lhe o brilho com o descolorido da minha pobre prosa, quinzenalmente, darei largas aos meus desabafos patrioticos, e da patria livre de Byron e de Milton, do solo, que foi berço da Shakespeare, irei acompanhando a evolução, que eu quizera assombrosamente progressiva, da idéa revolucionaria, que deve na presente e dolorosa hora, que atravessamos, ser a dominante em todos os cerebros dos que possam com verdade suppôr-se amigos da terra lusitana.

Que no meu regresso as barricadas se ergam e do alto d'ellas possa offerecer a minha vida e a ultima gotta do meu sangue pela Liberdade e pela Republica!

Oxhey (Herts) 29 de março de 1910.

Fernando A. Carneiro.

Imprensa

A'quelles dos nossos collegas que ainda por motivo do anniversario do *Democrata* e, posteriormente, pelos melhoramentos n'elle introduzidos nos enviaram felicitações, aqui lhes deixamos patenteados os nossos sinceros agradecimentos a todos, desejando-lhes tambem as maximas prosperidades.

O XANDRE

Enviam-nos de Lisboa curiosas informações ácerca de este luminar que pontifica diariamente no *Liberal*, d'aquella cidade, e que por mais d'uma vez se tem celebrisado, embora tristemente, como succede a todos os insignificantes com pouco talento e muita prosapia.

Xandre que em toda a parte falla no seu *desinteresse*, na sua dedicação ás instituições vigentes, no seu grande amor á monarchia que o leva a dirigir vaias de *gavroche* a homens de superior talento, como succedeu no comicio da Fogueira quando pretendia fallar o dr. Alfredo de Magalhães, está provado, afinal, que não passa d'um bacharel vulgar de Linneu, de monoculo ao canto do olho para se distinguir da maioria, e que a respeito de *desinteresse* e *coherencia* é o que se vae vêr, além do mais que já se sabe, pela carta interessante da pessoa que nol-a escreve.

Ouçam o *alfacinha*:

. . . .

«Quando foi do regicidio o *Xandre*, progressista, não era tão amigo das instituições, porque se diz que horas após o grande facto historico encontrando-se n'um café com Alexandre Braga, o incompavel tribuno parlamentar, lhe disse muito decidido: — *Então não vamos para a republica? Ficamos n'isto?!*

. . . .

Blasona, o figurão, de altivo e desinteressado como se nós lhe não conhecessemos factos que desmentem uma e outra coisa.

Quando foi do comicio da Fogueira o *Xandre* deu a entender que tinha ido ali voluntariamente e sem pressões de qualquer especie. Puro engano.

Na vespera do comicio o telephone dos Navegantes trabalhou afanosamente até que uma voz feminina conseguiu convencer o *Xandre* a ir fazer a linda figura que se viu.

Quanto a desinteresse ha melhor.

O *Xandre* para não andar eternamente aos paus, pois quem tem causas não as quer perdidas, conseguiu anichar-se no Governo Civil como empregado do archivo onde *esfolla* uns 45$000 réis mensaes. Para quem defende as instituições, com convicção e desinteresse, já não é mau um bolo de 15 tostões diarios; porém, o *Xandre* precisando dar maisprovas de *desinteresse* e... amor á barriga, e tendo ensejo de o conseguir aproveitou.

Morreu ha tempo o contador da relação, logar de fartos proventos. Pois ainda o cadaver estava quente já o telephone trabalhava da redacção do *Liberal* para casa do sr. Antonio Cabral. O *Xandre* pedia encarecidamente ao seu protector o favor de ir cedo para o jornal a fim de o acompanhar a casa do chefe, o *pachá* dos Navegantes. O sr. Cabral appareceu, effectivamente, e ainda não eram 11 horas da manhã quando os dois, padrinho e afilhado, transpunham os humbraes da mesquita navegantina.

Uma vez deante do Olympo, o *Xandre* da Fogueira e da dictadura, o *defensor acerrimo do Homem Christo* desappareceu para dar logar ao *Xandresinho* mellifluo e pedinchão que emquanto fazia o pedido não deixou um momento sequer de passar as mãos pelo lombo do bichano que estava deitado aos pés do dono, calculando d'est'arte convencer melhor o seu digno chefe. O maltez passeava de um lado para o outro, de rabo arqueado, emquanto o sr. José Luciano, repuchando as pontas do bigode, n'aquelle gesto muito seu, ouvia agora o sr. Antonio Cabral, o conhecido calino das Obras Publicas e da Marinha, que apregoando os serviços e mais partes que concorriam no redactor da sua gazeta pedia para elle, com o maior empenho, a protecção do seu chefe.

O sr. José Luciano em vista da lamuria d'um e do empenho de outro disse que sim, que da sua parte dava o logar, mas fossem ter com o Montenegro da Justiça antes de por lá apparecer outro pretendente mais idoneo.

O *Xandre* ainda pediu uma cartinha com que se apresentou ao sr. Montenegro, sempre na companhia do sr. kaiseriano Cabral, a pedinchar o logar apetecido.

O ministro das *injustiças* leu a carta, ouviu a lamuria do *Xandre* e por fim disse que visto o chefe empenhar-se e o seu amigo Cabral tambem, elle, por si, estava prompto a nomear o Albuquerque, de quem se confessou amigo, para o logar pedido.

O *desinteressado Xandre*, defensor do *Pulha d'Aveiro*, o orador sublime da Fogueira, que não conta em Lisboa senão aversões e antipathias, apenas se apanhou na rua, depois de obtida a promessa formal do sr. Montenegro, voltou ao seu *todo* habitual — nullidade a querer-se dar *ares* de ser alguem.

E foi este o esperançoso mancebo que por occasião da dictadura fallou, na reunião progressista, em coisas que não sentia, de um modo que a muitos pareceu sincero pela revolta das palavras que o exteriorisavam.

E querem estes *melros* que a gente os tome a serio quando elles pelas suas acções não merecem senão desprezo. O defensor do *Pulha d'Aveiro* feito contador da relação!!!

E' até onde póde chegar...

Lá isso é verdade. Mas o que quer o amigo *olfacinha* se hoje em dia os que melhor se arranjam são os sub-mediocres e os *parvenus* que enxameiam o paiz?

Deixassem o *Xandre*, quando sahiu da Universidade, entregue ao seu *grande talento e vastissima intelligencia*, com banca de advogado aberta em qualquer comarca, que nós queriamos ver onde elle estava a estas horas.

Não que nem para a côdea... que é, de tudo, o mais preciso...

G. P. M. D.

Reune ámanhã, 9. Hora e local designado.

Feira de março

Está de todo desanimada, por falta de concorrencia, a feira do campo do Rocio. Como se ainda fosse pouco, a chuva e o vento frio tem-se encarregado de a affastar mais, podendo-se dizer que por este anno, a respeito de transacções importantes, já não poderão haver muitas, apezar do seu prolongamento até ao dia 17.

Agenda

Acabamos de ser brindados pelo sr. Souto Ratolla, proprietario da importante joalheria, ourivesaria e relojoaria sita ao fundo da rua da Costeira, com um util livrinho de bolso, para apontamentos, e que serve de reclame á casa que é, no genero, a mais bem montada d'Aveiro.

Os nossos agradecimentos ao sr. Souto Ratolla.

Necrologia

Falleceu em Lisboa o sr. general Silverio Augusto Pereira da Silva, que aqui exerceu, em tempos, o cargo de director das Obras Publicas, prestando alguns serviços á cidade.

Contava 82 annos de edade.

Taboeira, roça ou quê?

Sr. Redactor:

Li no numero passado do seu bello jornal um apello patriotico que um meu patricio, residente no Brazil, endereçou ao povo da minha terra, incitando-o a libertar-se da influencia nefasta do caciquismo odiento que o tem escravisado.

A impressão que experimentei foi de indizivel satisfação e, ao mesmo tempo, de surpreza, pois estava muito longe de acreditar na existencia de patricios que se preoccupassem com assumptos extranhos ao *carro das vaccas*, ou á manipulação quotidiana da *rosca e do pão de bico*. Ainda bem que tal se não dá. A minha satisfação é, pois, immensa ao constatar que não foi debalde que se lançou á terra a semente fructificadora da Democracia.

No entanto, a carta do meu patricio João do Brejo suggere-me algumas considerações a cuja publicação me não posso eximir, visto que são de todo o ponto justas e opportunas.

O meu patricio encara a possibilidade da resurreição de Taboeira pelo prisma enganador d'um optimismo exagerado e não pelo prisma da realidade resultante da observação directa dos factos occorrentes na sua e minha terra.

Ora vejamos.

Ha mezes, enojado pelo espectaculo deprimente de ver uma povoação inteira ser foguete inconsciente nas mãos pouco escrupulosas dos *caciques*, lancei nas columnas d'este mesmo jornal um appello a todas as victimas do *caciquismo* locol, intitulado *carta aberta a um simplorio de Taboeira*, na crença de que alguma coisa resultaria de util não só para as ideias democraticas, mas tambem, para o prestigio da terra que me viu nascer. Tempo perdido.

Os donos de Táboeira neutralisaram os meus esforços.

A carta foi, na verdade, muito commentada e apreciada pelos meus patricios, mas não tem o condão de os resolver a sacudir o jugo aviltante que os domina.

Esse jugo é exercido patuscamente por uns delegados ou logar-tenentes da senhora condessa, que os cumula de favores e de elogios para terem a *carneirada* submissa e quiéta.

E quer o meu patricio saber quem são esses valiosos esteios da monarchia dos *adeantamentos* na nossa terra?

Ora vá ouvindo, se os não conhece:

Temos em primeiro logar o *Gregorio Calafate* que pelo nome não perca. E' o *maioral* que costuma conduzir o *rebanho* a Esgueira por occasião das eleições. Em lhe cheirando a *carneiro com batatas* entra o homemsinho em funcções, fariscando todas as portas, portaes, portarias, comoros e alpendres, a averiguar da fidelidade da sua gente. Ai d'aquelle que lhe disser que não, quando elle lhe pede o voto. Fica logo excommungado e sem cheiro de santidade para a senhora condessa, sua ama.

E então se é rendeiro da senhora condessa nem S.º Antonio lhe vale! A ameaça de augmento de renda, ou de despedimento são os argumentos persuasorios com que faz dobrar a cerviz aos mais recalcitrantes.

Tem em seguida o seu sobrinho e substituto *Antonio Marques da Graça*, vulgo o *pêcego coradinho*.

Este cidadão é novo na idade, mas velho no modo de pensar. Na sua idade todos os rapazes são progressivos, avançados, revolucionarios, apaixonados por ideias generosos e crentes no Futuro. Com este cavalheiro dá-se o inverso.

Apesar de ter estado por mais de uma vez n'essa republicana cidade que é Lisboa, n'esse bello laboratorio de civismo, nunca o seu espirito se libertou dos prejuizos e preconceitos do retrocesso. E' um *thalassa* repontão, fazendo gala na sua miseria de *eunucho* mental.

Profundo admirador das virtudes do *padre Mattos* e do bispal *Sebastiãosinho* de Beja. Se por communhão de habitos e ideias, não sabemos. O facto é de entristecer, mas é assim. Metteu-se-lhe na cabeça que ha-de ser o *chefre da politegra* local d'aqui a mais uns tempos e ninguem o dissuade d'isso.

Completa a *trempe* o grande *Victor*, feitor que é da senhora condessa que n'elle deposita toda a confiança.

Estes tres cavalheiros são, pois, a *élite* dirigente da terra e o tasco da Rita, que é como quem diz o *Café Martinho* de Taboeira, é o centro de reunião obrigado, onde se tratam as questões politicas e de interesse para a localidade.

Larga tambem a sua sentença para amenisar a discussão o grande *Cajadinhas* que em politica é... o que fôr o senhor conde d'Agueda. Como se vê na raça canina difficilmente se encontra maior dedicação d'um fraldiqueiro pelo dono. E como este tantos outros. E' por isso que Taboeira se encontra ha muito envilecida e desacreditada. Em Aveiro gosa d'uma fama muito pouco abonatoria. E a razão é mui simples: Quando se projecta qualquer festarola realenga no districto, como ainda ha pouco com a ida da *mocidade reinadia e bella* áquella cidade, as auctoridades locaes, desejando preparar manifestações... *expontaneas* á familia real, recorrem invariavelmente á Gafanha e a... Taboeira para arrebanhar gente, perdão, carneiros.

A Taboeira, meu amigo, a Toboeira! Que vergonha e que tristeza!

De mais nenhuma parte do districto encontram escravos e servos submissos senão em Taboeira e Gafanha.

Olha lá se elles caiem em ir a Cacia?! Tó rôla! Nada que lá corriam o risco de serem corridos á batata, senão a marmelleiro.

Bem se vê que onde surge o ideal republicano immediatamente apparecem cidadãos altivos e conscientes, incapazes de se prestarem a farças e fantochadas.

Eis o motivo porque eu lamento a cegueira da minha terra, ao mesmo tempo que louvo a exhortação que o meu conterraneo João do Brejo de tão longe lhe dirige se bem que d'ella nada haja a esperar. Bem se vê que a longa ausencia da patria lhe fez redobrar o amor que lhe vota, por isso não admira que com a ingenuidade de todo o bem intencionado supponha conseguir alguma coisa dos meus conterraneos.

Não. Infelizmente nada obterá. E' a observancia directa dos factos que me leva a affirmal-o e sem receio de ser desmentido.

Mas um facto, ao menos, que comprove a minha asserção, pedir-me-ha o meu patricio? Pois bem, lá vae e bem deprimente para todos os filhos de Taboeira.

Ha em Lisboa na arte de padeiro muitos rapazes de Taboeira Todos elles, ou quasi todos, se dizem republicanos e chegadas as eleições votam pelos republicanos.

Averigue agora o meu patricio se elles procedem da mesma forma quando estão na terra, isto é, recontinuam a votar pelo partido republicano. Isso... Teem medo das familias, dos mandões, dos *caciques* e nem um voto republicano apparece nas urnas, em Esgueira, dos eleitores de Taboeira.

Já vê o meu conterraneo que com gente assim é tempo perdido incutir-lhe noções de civismo e prégar ideias nobres de resgate.

Cada povo é para o que nasceu e se Taboeira foi condemnada a ser um vasto aprisco onde a criminosa monarchia dos *adeantamentos* vae arrebanhar a *carneirada* lanzuda e obscena para emparelhar com os ignaros *gafanhões* no vivorio mercenario aos manipansos da sua idolatria, que lhe havemos de fazer? Já muito fazemos nós em lhe berrarmos ao ouvido, fazendo-lhe salientar aqui o papel deprimente que ella está desempenhando perante todas as terras que a rodeiam, e estimular os seus filhos a que reajam contra a oppressão e tyrannia dos *caciques*, se bem que, pela minha parte, o faça por descargo de consciencia.

No entanto, apesar de toda a minha descrença, eu teria muito gosto em apertar a mão ao meu patricio João do Brejo, pelo seu honrado appello, e n'esse anceio espero vel-o dentro em breve entre nós animado do sincero desejo de trabalhar pela emancipação politica e economica do povo da nossa terra, que é como quem diz pela Republica pura e simples. Só ella é que póde restituir o socego, a confiança, a prosperidade e o bem estar de cinco milhões de portuguezes ha muito infelicitados por um regimen de latrocinios e de ignomias.

Mas para isso urge o concurso desinteressado de todos os patriotas e, felizmente, para nós republicanos, que fóra das nossas fileiras só se divisam portuguezes de contrabando ao serviço dos bandidos da finança internacional e d'um morgadio que nos tem custado os olhos da cara, por signal o unico que as nossas leis ainda toleram—o morgadio de Bragança.

Toda essa famulagem obscena da monarchia tem retalhado a patria e esvasiado o thesouro nacional a favor das clientellas e bandos de esfaimados que simulam de partidos politicos do regimen. Urge pôr-lhe um dique e breve. Esse dique só póde ser a *Republica*. E' por ella que trabalhamos.

Setubal, 5—4—910.

Um Taboeirense.

O debandar da seita

Segundo se deprehende dos jornaes brazileiros, os ventos não correm propicios para os *thalassas* da colonia portugueza.

E' uma debandada geral motivada pela descrença mais completa e por rivalidades e odios mal contidos, desmoralisação esta, agora agravada com o esphacello dos *thalassas* da metropole.

Bem se vê que os maus exemplos são contagiantes em alta escala e d'ahi *degringolade* em que tudo aquillo por lá caminha.

Nem sempre a paz e *ónião* tem reinado nas suas fileiras, pois que ainda ha dias, a policia brazileira a pé e a cavallo teve de intervir n'uma *zaragata* começada no *Centro Monarchico* da colonia e ultimada na via publica.

A caso já lá chegaria o *virus* da *Liga do Carapau?* Não o sabemos. Mas o que é facto averiguado é que onde está um *thalassa* está a *thalassina*, que é um alcaloide de acção violentissima que tudo envenena sem exclusão dos proprios que o segregam.

Maldita especie zoolagica!

E a proposito: o que é feito da massa da subscripção para os sinistrados do Ribatejo, oh! gentes da *virtude triumphante di lá?!*

Salão Recreativo

Não ha duvida de que teem agradado muito as sessões cynematographicas realisadas diariamente n'este elegante salão construido no largo do Rocio, sendo bastante apreciadas as fitas, cuja escolha está confiada ao seu proprietario José Alves d'Oliveira.

A concorrencia tem sido, por vezes, enorme, indo ali dar-se *rendez-vous* as principaes familias d'Aveiro.

Falta d'espaço

Ficam-nos por publicar bastantes originaes e alguns annuncios por este motivo.

Padaria Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como artigos de mercearia que vende por preços excessivamente baratos.

Entre as differentes qualidades de pão que fabrica, conta-se o pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos.

Completo sortido de bolacha nacional.

CAFÉ, especialidade da casa.

ADEGA SOCIAL

Avenida Conde d'Agueda

Todos os dias variados petiscos á moda de Lisboa.

Vinhos, da Quinta do Barbas, tinto a 40 réis o litro e branco a 70 réis.

Aceio e limpeza como em nenhuma outra casa.

Compartimentos independentes.

AVEIRO

CASA

Vende-se d'um andar, sita na rua do Gravito.

Para tratar com Antonio Augusto da Silva, morador na mesma rua.

Candieiros

Vendem-se dois de suspensão e seis de parede.

Quem pretender queira dirigir-se ao secretario da direcção do *Centro Escolar Republicano*, **sr.** MANUEL LOPES DA SILVA GUIMARÃES.

VENDA

Vende-se um assento de casas, com aido de terra lavradia, poço, eira, videiras, sito no Cabeço de Sarrazolla.

Trata-se, em Sarrazolla, com a sr.ª Thereza Rosa Ferreira, ou, em Aveiro, com o advogado, sr. dr. André dos Reis, na rua Direita, 56.

HOSPEDARIA

DE

MARCELINO & BARROS

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

ESTA antiga e conhecida casa que os seus novos proprietarios acabam de transformar por completo, introduzindo-lhe melhoramentos indispensaveis e de grande utilidade, é a unica que, junto á estação do caminho de ferro, offerece garantias de aceio e limpeza devendo por isso ser a preferida por todos os srs. passageiros que visitem esta cidade.

Os artigos de mercearia que expõe á venda em estabelecimento annexo são escolhidos entre os melhores o que os torna sobremodo procurados pelo publico que ainda tem a seu favor a modicidade de preços.

Conferencias pelo professor JULIO de MATTOS

Reportagem de
Bartholomeu Severino

SOMMARIO

Evolução historica do conceito da loucura atravez dos tempos—Etiologia das doenças mentaes e nervosas—Cousas endogenicas—A hereditariedade—A arvore geonolode D. Rosa Calmon—Traumatismo e infécções—O que a psiquiatria espera da chimica organica—A idiotia e a imbecilidade—Uma incursão pela piscologia—As noções de sujeito e objecto e o mecanismo da sua formação—O *eu* e o *não eu*—A consciencia—Espirito e materia são a mesma cousa—Condições que suspendem a consciencia; condições de variabilidade e extensão — Automatismo psiquico —Condiços geneticas da consciencia—A synthese como caracter fundamental da consciencia—A unidade do *eu*—A personalidade pela convergencia da cinestesia e da memoria — Dissociação psquica —O systema nervoso—Actividade superior e inferior—A inibição—O acto reflexo—Psiquismo superior e psiquismo inferior—Existirão neurones especiaes presidindo aos diversos psiquismos? — Opiniões apostas—O schema de Grasset—Os centros psiquicos superiores. Alucinações e ilusões —Illusões fisiologicas—Alucinações visceraes, unilateraes e desdobradas—Condições favoraveis á producção das alucinações—As imagens—Tipos piscologicos—O valor das imagens na idèação—O sentido muscular—A afasia motora, a graphia e a surdez cerebral—Como se constitue uma percepção—Sensação bruta e deferenciada—O que separa as sensações das imagens—A theoria cortical de Tamburini e as suas modificações—Sensações e imagens não se localisam no mesmo centro: ha centros sensoriaes e centros imageticos—O lado positivo e o lado negativo das alucinações—Os dez grupos de delirios e a sua reducção a cinco — Caracteristicas das ideas delirantes e das obsessões—O conferente está com os psiquiatras que consideram a obsessão um delirio abortado e o delirio uma obsessão que seguiu caminho—Uma mulher atacada da fobia dos contactos, em seguida a umr infécção puerperal e enfraquecimento organico — Delirante ou obsecada?—Pan-fobias—Todas as obsessões teem um fundo emotivo.

Preço 400 réis

Livraria Editora de Lopes & C.ª—Successores

119, Rua do Almada, 123

PORTO

JORNAES

Ha grande quantidade d'elles para vender na typographia do *Democrata*, Rua de Jesus.

AOS ESPIRITOS LIVRES

E. Kaeckel

Os Enigmas do Universo	600
As Maravilhas da Vida	600
O Monismo	200
Origem do homem	300
Religião e Evolução	300
Historia da creação—no prélo	

F. F. Strauss

Vida de Jesus, 2 volume	1.500
Antiga e nova fé, traducção completa—a do sahir prélo	400

Ernesto Renan

Vida de Jesus	600
Os Apostolos	600
S. Paulo	700
Anti-Christo	600

Pedro A. Vianna

Defeza do nacionalismo	600

José Caldas

Os jezuitas	600

Heliodoro Salgado

Culto da immaculada	700

Theophilo Braga

Lendas Christãs	700

José Sampaio

A Questão religiosa	800
A Ideia de Deus	800
A Dictadura	500

Guerra Junqueiro

A Velhice do Padre Eterno	1$000
Patria	800
Finis Patria	300
A Victoria da França	100
Oração ao pão	120
Oração á luz	200

João Grave

A Anarchia, fins e meios	700

Amadeu de Vasconcellos *(Mariotte)*

Sciencia para todos, vol. a	200

Publicações de volumes de dois em dois mezes. O primeiro sahirá a 15 d'abril proximo, iniciado pelo livro—*Os Cometas*.

Envia-se gratis o catalogo geral completo a quem faça o pedido.

LIVRARIA CHARDRON

DE

LELLO & IRMÃO, editores

144, Rua das Carmelistas

PORTO

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

OFFICINA DE SERRALHARIA MECHANICA

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

Ricardo Mendes da Costa

Successor de **Domingos L. Valente de Almeida**

RUA DA CORREDOURA

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Deluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Creosonal

Elixir tanno-phospho-creosatado

O melhor agente da medicação *phospho-creosatada* para tratamento de

FRAQUEZA PULMONAR
TUBERCULOSE
FRAQUEZA GERAL
TOSSES
ASTHMA
BRONCHITES
ANEMIAS
RECHITISMO
ESCROFULOSE
FALTA DE APPETITE
SUPPURAÇÕES OSSEAES
CONVALESCENÇA DAS DOENÇAS GRAVES
PNEUMONIA E GRIPPE

ESTIMULA FORTEMENTE O APPETITE

Tonico reconstituinte e antiseptico das vias respiratorias

O CREOSONAL foi largamente experimentado no Hospital de tuberculosos, ao Rego, mostrando sempre ser um bom medicamento.

Os doentes tomam-n'o muito bem, porque é o unico preparado **phospho-creosotado** que não precisa de se lhe ajuntar agua e que tem cheiro e gosto agradaveis, sendo absolutamente tolerado pelos estomagos mais susceptiveis. Faz augmentar o peso e desenvolve os tecidos musculares e osseo.

Frasco 1$200 réis.

Ph. Jayme Tavares, R. N. da Piedade, 14, Lisboa — Azevedo, R. Principe — Casaca, R. S. Paulo.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro,** de BRITO & C.ª.

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

Director—RIBEIRO DE CARVALHO

"A Egreja e a Liberdade,,

Acaba de iniciar a sua publicação em Lisboa, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, uma *Bibliotheca de Educação Moderna*, destinanada a fazer conhecer, em portuguez, as obras mais sensacionaes que forem apparecendo, em todos os paizes, sobre as questões politicas e religiosas que estão transformando a actual organisação social.

E o livro com que foi inaugurada a Bibliotheca não podia ser de mais ruidoso exito. Trata-se de *A Egreja e a Liberdade*, ultima obra de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*, que tão grande voga teve entre nós.

O novo livro *A Egreja e a Liberdade*, agora traduzido em portuguez, é a historia das perseguições religiosas e da intolerancia sacerdotal, indo desde a Biblia até aos nossos dias — historia amassada em torrentes de sangue, em crueldades e morticinios tremendos. Commove-nos, quando narra as tragicas torturas da Inquisição. Enche-nos de indignada surpreza, ao traçar o quadro da devassidão clerical na Roma dos Papas. Dá-nos uma ideia do que é a organisação da mais poderosa associação catholica, a Companhia de Jesus, quando nos mostra que foram os proprios jesuitas os auctores e mandatarios de varios regicidios, porque até o assassinio defendem e prégam, se é conveniente aos seus secretos interesses.

"Socialismo e Anarquismo,,

E' este o titulo do segundo volume da Bibliotheca. Constitue um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes. Pederiamos d'ar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos esses assumptos são tratados no livro:

O que é o socialismo—A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas—O que querem os socialistas—A sociedade futura—A suppressão da miseria—A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios—O casamento sem auctorização paterna e sem a interrvenção da Egreja ou do Estado—O amor livre—Como se pode pôr em pratica o socialismo e a religião—A marcha incessante para a revolução—A união de todos os revolucionarios—A propriedade e o trabalho—A constituição da familia e do ensino—O que é o Collectivismo—O que é o Communismo—O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social—O socialismo catholico é uma burla—Os progressos do syndicalismo.

O que é o anarquismo—A sua origem e os seus diversos systema —O que querem os anarquistas—Opiniões dos seus maiores escriptores—A liberdade integral, aspirações dos verdadeiros revolucionorios —O internacionalismo ou união de todos os povos—A evolução da ideia de patria—Os martyres do Anarquismo—Os socialistas-anarquistas portuguezes—A Anarquia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

"Descendemos do macaco?,,

O terceiro volume é tambem um livro, interessantissimo, com este titulo: **Descendemos do macaco?**

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preoccupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: **Descendemos do macaco?**

Affirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel desceder d'um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos? O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez — livro cujo titulo suggestivo é este: **Descendemos do macaco?**

—(*)—

Preço de cada livro: brochado, **200** réis. Magnificamente encadernado em percalina, **300** réis.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa e Brazi. Pedidos á **Livraria Internacional**, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

ANTONIO DA CUNHA COELHO

10—RUA DO CAES—12

AVEIRO

Loja de chá, café, bolachas e mais generos de mercearia. Vinhos do Porto, de superior qualidade. Champagnes, licores e cognacs. Azeite, sabão e vellas de stearina.

Perfumarias, papelaria e objectos para escriptorio. Tabacos, louças da India e Japão. Artigos proprios para brindes.